

# O QUE É FILOSOFIA? UMA ABORDAGEM COMPARATIVA

Ediovani A. Gaboardi<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo visa esclarecer o conceito de Filosofia através de uma análise comparativa deste com o de Biologia. A tese fundamental é a de que o caráter indeterminado da Filosofia, que dificulta sua definição, decorre do fato de ela não pressupor um objeto de investigação. Isso, por sua vez, revela seu princípio metodológico fundamental - a reflexão -, que supõe um horizonte aberto de investigação.

**PALAVRAS-CHAVE:** filosofia, objeto, universalidade, reflexão.

**ABSTRACT:** This article aims to clarify the concept of Philosophy through a comparative analysis between this one and Biology. The fundamental thesis is that the indefinite character of philosophy, that makes its definition difficult, results the fact that it does not presuppose an object of research. This, in turn, reveals its fundamental methodological principle - reflection - that supposes an open horizon of research.

**KEY-WORDS:** philosophy, object, universality, reflection.

---

<sup>1</sup> Mestre em Filosofia pela PUCRS, professor do Curso de Filosofia da URI (Erechim) e do Instituto de Filosofia Pe. Berthier de Passo Fundo (IFIBE).

## INTRODUÇÃO

Muitos cursos universitários têm, em seus programas, uma ou mais disciplinas ligadas à Filosofia, e é comum surgirem dificuldades na compreensão, por parte dos alunos, dos propósitos dessas disciplinas, especialmente nos cursos mais afastados das chamadas ciências humanas. Há muitas razões para isso, e a análise completa de todas elas não é o objetivo deste trabalho. Entretanto, assume-se como hipótese que uma delas, talvez a principal ou mesmo a raiz das demais, é a dificuldade de se definir o conceito de Filosofia. Afinal, a definição da atividade que se vai realizar, seja ela do tipo que for, é o passo mais fundamental em vista da apresentação de seu objetivo, de seu papel, de sua importância e dos passos que deverão ser dados na sua realização.

Justamente aqui se verifica algo interessante. É provável que todo aquele que se dedica à Filosofia tenha sentido, algum dia, a perplexidade causada pela formulação, por parte de seu interlocutor, da pergunta que, à primeira vista, deveria ser a mais elementar: o que é Filosofia? O que causa perplexidade é justamente a esperança, que acompanha a questão, de obter uma resposta imediata, facilmente assimilável. Nesse momento, sabe-se que não se poderá corresponder àquela esperança e que a elaboração da resposta à pergunta envolverá necessariamente um árduo trabalho de construção conceitual, desencorajador ao que preferia uma resposta curta.

É verdade que muitos poderão negligenciar essa situação, fornecendo ao que interroga uma resposta simples e definitiva. Não se pode dizer que uma resposta desse tipo seja de todo impossível; mas, na maioria das vezes, ela se parecerá mais com uma idiossincrasia ou ainda com um apelo à ignorância do interlocutor, do que com uma resposta adequada. Isso porque, quanto mais próximo do que a Filosofia é de fato, a partir dos trabalhos de seus representantes mais ilustres, mais complexo e indeterminado se parece seu conceito, e é justamente isso o que dificulta sua compreensão. Essa é também a segunda hipótese que este trabalho assume.

A complexidade do conceito de Filosofia decorre do fato de ele estar vinculado, via de regra, a uma teoria extremamente elaborada e que,

exatamente por isso, estrutura-se a partir de uma linguagem muito específica, pressupondo uma bagagem conceitual indisponível aos ainda não iniciados. Em outras palavras, os conceitos clássicos de Filosofia estão muito distantes da linguagem utilizada pelo senso-comum, o que inviabiliza a compreensão imediata do significado que carregam. Isso significa que aquele que ouve a explicação do conceito de Filosofia, sem conhecer a própria teoria filosófica que o formulou, dificilmente o considera, a princípio, claro ou até mesmo compreensível.

Essa situação traz a primeira dificuldade àquele que quer explicitar o significado do conceito de Filosofia: como apresentar o sentido dos conceitos clássicos numa linguagem compreensível àqueles que não são especialistas em Filosofia? Nesse caminho, podem-se desenvolver as mais diferentes tentativas. Entretanto, a rigor é impossível traduzir em linguagem comum os conceitos filosóficos mais finos, sem nisso perder algo importante de seu sentido original.

Então, a compreensão adequada dos conceitos filosóficos ocorre não pela transmutação da linguagem filosófica em linguagem comum, mas, muito pelo contrário, pelo desenvolvimento do ponto de vista do interlocutor até aquele da corrente filosófica que dá sentido ao conceito exposto. Ou seja, o que efetivamente ocorre ao se traduzir conceitos filosóficos é a tentativa de encontrar meios para que o interlocutor desenvolva gradualmente a linguagem adequada para lidar com esses conceitos.

O que se pode concluir daí é que a complexidade que a explicação do conceito de Filosofia assume não é, a princípio, uma falha de quem a elaborou. Ela faz parte da própria natureza do conceito e, por isso mesmo, não pode ser eliminada, por mais genial que seja a tentativa (desde que se mantenha no propósito de fidelidade ao conceito de Filosofia). O conceito de Filosofia só pode ser apresentado no seio do conjunto de questões do qual emerge, e isso o torna sempre complexo (ou seja, pertencente a uma totalidade conceitual maior) e, por consequência, incompreensível imediatamente.

Essa é a primeira dificuldade que se deve encarar ao tentar responder à pergunta, o que é Filosofia? Mas há ainda uma segunda, já apontada, e

que está intimamente vinculada à anterior. Trata-se do caráter indeterminado do conceito de Filosofia. Por indeterminação entende-se a falta de univocidade e precisão. O fato é que, ao longo da história do pensamento ocidental, foram elaborados diversos conceitos de Filosofia, entre os quais dificilmente é possível encontrar compatibilidade. Assim, além da necessidade de vincular o conceito de Filosofia à problemática da tradição que o elaborou, é preciso, no final das contas, decidir à qual tradição se vai aderir. E, como se pode perceber, no final disso tudo não se tem ainda a resposta definitiva da pergunta (o que é Filosofia?), mas no máximo uma das respostas possíveis.

Levando a sério esses problemas, parece que a pergunta (o que é Filosofia?) não poderá jamais ser respondida. Entretanto, o que parece ser o fim de um caminho mostra ser antes o início de um outro. Será que esta situação do conceito de Filosofia, sua complexidade e indeterminação, já caracterizadas, não revela algo que lhe é essencial e que, portanto, poderia colaborar decisivamente para sua explicitação?

O texto que segue assume, como sua terceira hipótese, a posição segundo a qual a resposta a essa questão deve ser afirmativa. Assim, deixa-se de lado a tentativa de esclarecer o conceito de Filosofia mediante um estudo de seu significado nas correntes da história do pensamento ocidental. Também não se busca sustentar a posição de uma determinada corrente e muito menos demonstrar o que há de comum entre todas elas (ou entre as mais importantes)<sup>2</sup>. A tarefa, aqui, é mostrar o que a dificuldade em se definir o conceito de Filosofia tem a ver com o próprio conteúdo desse conceito.

Em síntese, o objetivo deste texto é definir o conceito de Filosofia. Para isso, assumem-se basicamente três hipóteses. Em primeiro lugar, a definição do conceito de Filosofia é fundamental para tornar claro o papel e a importância dessa disciplina nos cursos superiores. Essa hipótese, na verdade, tem por função apenas justificar o presente trabalho. Em segundo lugar, o conceito de Filosofia é complexo e indeterminado, o que

---

<sup>2</sup> Isso não significa que o leitor mais atento não poderá identificar, em argumentos do texto, traços do pensamento de alguns filósofos. Entretanto, isso será resultado muito mais da acuidade do leitor do que das intenções do autor.

impossibilita sua definição imediata. Até aqui, essa hipótese foi apresentada apenas no seu sentido factual. No decorrer do texto, mostrar-se-á sua base conceitual. E, em terceiro lugar, a complexidade e a indeterminação não são algo accidental ao conceito de Filosofia e, por isso, pela descoberta das raízes dessa situação, pode-se vislumbrar aspectos fundamentais dele. Aqui está, na verdade, toda a tarefa deste texto: mostrar o que há no conceito de Filosofia que dificulta sua definição imediata e que, ao mesmo tempo, é fundamental a ele.

Cabe ainda uma observação sobre o método que orienta o trabalho. Para estabelecer que o conceito de Filosofia é de difícil definição, e mais ainda para determinar qual elemento provoca isso, é preciso dispor de um padrão como referência. Ou seja, é preciso dispor do instrumental por meio do qual as definições são extraídas, para estabelecer, a partir de sua aplicação sobre o conceito de Filosofia, o que neste impede a elaboração da procurada definição.

É muito difícil imaginar que tipo de instrumental seria esse. Para os fins deste trabalho, ele é recolhido a partir de uma análise de outros conceitos, cujo significado parece mais evidente. Assim, o que se faz é comparar o conceito de Filosofia com o de outras atividades humanas, através da abstração do instrumental por meio do qual a definição dos conceitos conhecidos é elaborada e da aplicação dele ao conceito de Filosofia. Por fim, leva-se às últimas consequências o resultado obtido, verificando até que ponto ele é capaz de explicar as dificuldades de definição mencionadas e quanto ele pode revelar da atividade do filósofo.

## **1 Elaboração do instrumental de definição**

Uma das disciplinas da ciência cuja definição parece mais evidente é a Biologia. No próprio termo já estão explícitos os elementos que colaboram para a construção de seu significado. Como se sabe, *bios* é um radical grego, que pode ser traduzido por vida. *Logos*, por sua vez, é um termo mais complexo, mas pode ser entendido, neste contexto, sob a idéia de razão, discurso, estudo, teoria, etc. Assim, mesmo desconhecendo

o que fazem os biólogos de fato, pode-se dizer, só pelo sentido do termo Biologia, que se dedicam ao “estudo da vida”.

A simplicidade dessa definição não afeta, com se poderia supor, sua relativa precisão. Esta, por sua vez, é alcançada na medida em que ficam determinados dois elementos essenciais: o tipo de atividade em questão e o objeto sobre o qual ela é desenvolvida. No caso, *logos* é o termo encarregado de revelar a natureza da atividade, enquanto o objeto é vislumbrado sob o termo *bios*.

Em relação ao primeiro elemento, basta observar que a presença do termo *logos* expulsa a Biologia de um amplo conjunto de atividades possíveis. Ela não poderá ser, por exemplo, uma prática religiosa, uma doutrina moral ou mesmo uma disciplina puramente técnica. Biologia é estudo, é teoria. A princípio, não cabe ao biólogo extrair conclusões que não visem exclusivamente o conhecimento. O oposto disso seria, por exemplo, a atividade do marceneiro. Ora, seu fim é exclusivamente técnico-prático. Ele deve construir seus objetos da melhor forma possível. Ele pode valer-se de conhecimentos teóricos, mas seu fim, a rigor, não é elaborá-los.

Essa comparação entre Biologia e marcenaria, além de mostrar melhor o efeito da presença do termo *logos* no primeiro conceito, serve ainda como introdução ao outro elemento que completa a definição desse conceito, mostrando sua necessidade. Observe-se o termo marcenaria. Sabe-se seu significado sem a presença daquele segundo elemento, encontrado no termo Biologia – o objeto. Isso poria em suspenso a validade da estrutura de definição apresentada acima, em que a atividade e o objeto são elementos essenciais?

Ao que parece, não. O fato é que o termo marcenaria já compreende em si não só a atividade, mas também o objeto que é alvo dela. Não é possível ao marceneiro, a princípio, lidar com outro material além de madeira.<sup>3</sup> Sua atividade é definida completamente mediante a pressuposição do objeto ao qual ela se dedica.

---

<sup>3</sup> Observe-se a diferença entre a marcenaria e a carpintaria. As duas comungam do mesmo objeto, a madeira. O que as distingue é o fato de o carpinteiro lidar com a madeira de um modo mais grosseiro, enquanto o marceneiro aproxima-se do artista. Assim, fica mais uma vez evidente que o que define uma disciplina ou atividade humana é o objeto ao qual ela se dedica e o modo como faz isso.

Essa observação elucida de modo pleno a razão pela qual no termo *Biologia* não só a atividade, mas também o objeto dela, estão previstos. Há muitas atividades cuja finalidade é elaborar conhecimentos. Isso é facilmente constatado pela presença, na própria língua portuguesa, de vários termos que têm o elemento *logos* com constituinte, por exemplo, sociologia, psicologia, teologia, etc. Não seria possível distinguir essas disciplinas se o objeto ao qual se dedicam não fosse apresentado. Assim, em relação às atividades de cunho teórico, o conhecimento do objeto ao qual se dedicam é condição para uma definição completa da especificidade de cada uma.

Com isso, fica evidente o que é necessário para elaborar uma definição clara de uma atividade humana qualquer: em primeiro lugar, é preciso apresentar a especificidade dessa atividade; em segundo, é preciso determinar o objeto ao qual ela se aplica.

É interessante observar que essa dupla necessidade está relacionada com os elementos que devem colaborar na elaboração de qualquer produto humano. Ora, quando o homem produz algo, põe em jogo dois elementos: a si mesmo, enquanto sujeito, na forma de sua atividade, e a natureza de modo geral, na forma de objetos. Assim, torna-se evidente o fato de que, para saber o que está fazendo, é necessário conhecer a especificidade de sua atividade, bem como o objeto sobre o qual ela se aplica.

A partir dessas considerações, tem-se agora o instrumental cuja aplicação sobre o conceito de Filosofia deveria extrair deste o seu significado. A seguir, apresenta-se o desenvolvimento dessa tentativa. Já se pode adiantar que, nela, algo de muito estranho e, ao mesmo tempo, esclarecedor acontece.

## **2 Aplicação do instrumental sobre o conceito de Filosofia**

Segundo o que a tradição conservou, o termo Filosofia foi cunhado por Pitágoras de Samos (aproximadamente 572 a 500 a.C.), um dos primeiros filósofos de que se tem notícia.<sup>4</sup> Devido a suas grandes

---

<sup>4</sup> Cf.: CHAUI, 1994.

descobertas (como o que hoje denominamos teorema de Pitágoras, além da elaboração de uma das primeiras escalas musicais), ele foi chamado na época de sábio (em grego, *sophos*). Entretanto, por sua modéstia, recusou a designação e preferiu que o considerassem “amigo da sabedoria” (*philosophos*). Assim, a Filosofia surge sob a significação de amizade ou amor (*philos*) à sabedoria (*sophia*).

Diante disso, de acordo com o que se viu na primeira parte deste texto, a tarefa essencial é verificar se aí estão determinados os elementos necessários à sua definição, ou seja, a atividade e seu objeto. Se esses dois elementos forem encontrados, então estará posta a resposta à questão “o que é Filosofia?”.

## 2.1 A atividade

Em primeiro lugar, em relação à atividade, o elemento que, no conceito de Filosofia, mais parece compreendê-la, é o termo *philos*. Nisso, por sua vez, se percebe já uma diferença em relação à definição que se deu de Biologia. Ora, *philos*, diferente de *logos*, compreende uma atividade que não é apenas teórica. No *logos* (teoria), o sujeito estabelece uma relação exclusivamente intelectual com seu objeto. O termo *philos*, por sua vez, dá a idéia de uma relação em que um vínculo subjetivo muito maior é estabelecido. Pode-se tomar amizade e amor como o estabelecimento de uma relação entre um sujeito e um objeto. Entretanto, nesse tipo de relação, o sujeito não se mantém indiferente ao objeto. O estabelecimento da relação faz o sujeito transformar-se. Ele adere de tal forma ao objeto que muda seu íntimo na busca por aproximar-se dele. O amor é também um caminho de ascese, em que o objeto não é apenas vislumbrado com indiferença, mas ardentemente desejado, fazendo com que o sujeito que ama vença sua inércia e se encaminhe até aquilo que deseja.<sup>5</sup>

Isso significa que em filosofia a separação entre sujeito e objeto é,

---

<sup>5</sup> Talvez isso explique porque a Filosofia muitas vezes é considerada uma prática ascética. Sobre a questão do amor como carência, cf.: PLATÃO, 1986.



de certo modo, provisória, pois, se o sujeito considera o objeto desejado algo que lhe falta, supõe que a realização de seu desejo é também a realização de sua própria interioridade. Quer dizer, se é algo que lhe falta, então ao possuí-lo será uma pessoa diferente, estará num estágio superior de sua própria realização. A Filosofia envolve, assim, uma mudança de vida, um processo de construção da própria personalidade.

Desse modo, já se sabe que a atividade do filósofo é um desejo ardente e uma dedicação intensa a seu objeto. É como se, para ele, aquilo que procura não fosse apenas um objeto qualquer, mas algo do qual sente extrema falta. A Filosofia, assim, é a atividade do que está carente, do que não se satisfaz com sua situação.

## 2.2 O objeto

Mas tudo isso deixa ainda mais aberta a pergunta sobre o outro elemento, ou seja, sobre o objeto. Em termos simples, o que é que o filósofo deseja e procura tanto?

Ora, a resposta a essa pergunta só pode estar no outro termo que compõe o nome Filosofia. Assim, o objeto da atividade filosófica deve ser a *sophia*, isto é, a sabedoria.

É justamente neste ponto em que se revelam as dificuldades mais sérias da tentativa de explicitar o conceito de Filosofia. O fato é que o termo sabedoria designa uma realidade muito diversa da que é expressa por nomes como *bios* (vida), *psique* (alma), etc. Então, o problema é determinar se a sabedoria pode ou não ser considerada um objeto. Para isso, torna-se necessário refletir sobre o próprio conceito de objeto, a fim de determinar se a sabedoria cabe dentro de seus limites semânticos.

A palavra objeto (em latim *objectu*) significa “o que é lançado adiante”<sup>6</sup>. Essa expressão gera pelo menos duas perguntas: de onde e para onde ocorre o “lançar”? Ora, a própria formulação dessa pergunta mostra que o termo objeto é relativo. Algo só é objeto na medida em que

---

<sup>6</sup> Cf.: FERREIRA, 1999. Verbo “objeto”.

alguém o lança diante de si, ou seja, na medida em que alguém o tira do vazio, do nada, e o põe sob seus olhos, de uma determinada maneira. Uma televisão, por exemplo, só é objeto quando alguém reconhece a sua presença e mantém uma relação determinada com ela. No momento em que alguém diz “assisto televisão”, esta é posta diante dele, quer dizer, ela deixa de ser nada e passa a ser alguma coisa, faz parte agora de um mundo.

Mas o objeto só pode existir, ou seja, algo só pode ser “lançado adiante”, supondo que haja alguém a suportar esse ato, a ser sua base. Em termos simples, o objeto só pode ser visto se houver alguém aí para ver. Torna-se necessário, assim, a presença de um sujeito, palavra que em latim significa “o que é posto debaixo” (*subjectu*)<sup>7</sup>. O conceito de objeto, assim, só faz sentido supondo a existência de um sujeito que faça o papel de seu suporte. Nesse sentido, são relativos.

A partir dessa discussão, tem-se como analisar mais de perto as diferenças entre os conceitos de Filosofia e de Biologia. Em que medida os termos vida e sabedoria podem referir-se a objetos?

Objeto, como se disse, é “o que é lançado adiante”, ou seja, o que é alvo da percepção, do conhecimento, da ação ou, numa palavra, da experiência de um sujeito. Assim, a vida é um objeto na medida em que alguém concebe o conjunto de fenômenos que ela expressa. Pode-se até imaginar uma gênese para esse conceito. Em alguma época, alguém percebeu que certos seres são capazes, talvez, de movimentar-se autonomamente, de crescer e de se reproduzir. Então, chamou-os de seres vivos e, àquilo que lhes fornecia estas capacidades, deu o nome de vida. Também se pode imaginar o fato de o conceito de vida ter sofrido revisões durante sua história. É fácil notar que os medievais, por exemplo, viam a vida de uma maneira muito diferente da atual. Desse modo, a vida passa a ser objeto no momento em que alguém a concebe, isto é, em que alguém a torna parte de seu mundo. A objetividade, assim, depende da subjetividade que a mantém.

A palavra sabedoria, por sua vez, designa algo muito diferente

---

<sup>7</sup> Cf.: FERREIRA, 1999. Verbete “sujeito”.

daquilo que é entendido sob o conceito de vida. A palavra sabedoria está diretamente ligada à palavra saber. Por isso, enquanto a vida pertence, digamos assim, ao “reino dos objetos”, já que é uma certa realidade que pode ser observada por um sujeito, a sabedoria pertence muito mais ao “reino do sujeito”, na medida em que se refere àquilo que o sujeito guarda dentro de si a respeito da realidade. Dessa forma, há a vida enquanto realidade empírica, mas há também a vida enquanto saber, ou seja, o conceito de vida, a idéia de vida. Ao mesmo tempo, entre a vida enquanto o saber (conceito) e a vida enquanto objeto (realidade) estabelece-se uma relação de referência, de tal modo que o saber busca ser adequado à realidade da qual é saber. Em outras palavras, o conceito de vida procura descrever o fenômeno vida exatamente como ele é.

Retomando a discussão feita anteriormente a respeito do que é o sujeito e o objeto, pode-se explorar ainda mais o tema. Disse-se que só há objeto quando há sujeito, quer dizer, algo só é “lançado adiante” (*objectu*) supondo que haja alguém “posto debaixo” (*subjectu*) desse lançar, sustentado-o. O saber é justamente esse elemento que, a partir da subjetividade, sustenta o lançar, ou seja, estabelece uma relação de referência com a realidade. Para que a vida exista, é preciso que haja no sujeito que a percebe seu conceito, ou seja, o saber que a compreende completamente. Sem dispor das noções necessárias, por mais evidente que seja a realidade, ela permanecerá incognoscível.

Assim, fica claro que a primeira diferença entre vida e sabedoria é o fato de esta se referir a algo que está na mente do sujeito, enquanto aquela representa a própria realidade. Mas nisso se torna evidente também uma outra diferença. Ora, o conceito de vida não é capaz de descrever toda a realidade, já que no mundo existe muito mais do que vida. Em contraposição, a sabedoria tem o caráter da universalidade. Não se pode dizer que é sábio alguém que conhece apenas uma parte da realidade, mesmo que muito bem. Da mesma forma, alguém que tem um amplo conhecimento técnico, mas não é capaz de uma vida moralmente correta não pode ser considerado sábio. Assim, a sabedoria é o conhecimento universal, que compreende a realidade em toda a sua amplitude e em todos os seus aspectos.

Como se pode ver, o conceito de sabedoria é, digamos assim, ilimitado, pois tem a capacidade de se referir, de alguma forma, a toda realidade. Não é que ele descreva propriamente como é a realidade a partir do conteúdo de seu significado. Na verdade, a questão é que ele implica toda a realidade, pois sabedoria é o próprio conhecimento universal, no sentido apresentado acima. A vida, em comparação, é um conceito muito mais limitado, pois estabelece como seu horizonte de referência um certo conjunto de fenômenos, cujas características são mais ou menos conhecidas. É claro que tudo o que pode ser compreendido sob o conceito de vida não está dado no momento em que se pensa esse conceito. Muitas novidades podem aparecer a partir das experiências reais. Entretanto, há um limite para a relevância dessas experiências: elas só têm sentido se colaboram na definição do que é vida, e nada mais.

De posse da atividade e do objeto da Filosofia e da Biologia, torna-se possível agora estabelecer com mais detalhes a relação entre elas e, mais ainda, a especificidade do filosofar.

### **3 A natureza do filosófico e do experimental**

Para o Biólogo, a pergunta fundamental é: o que é vida? Quer dizer, ele possui o conceito de vida (*bios*) e desenvolve sobre ele a tarefa de investigação teórica (*logos*). Essa pergunta, para ele, precisa ser respondida em toda a sua extensão e em toda a sua profundidade.

Como já se disse, esse conceito é limitado, na medida em que estabelece uma linha divisória entre o que, no mundo, interessa e o que não interessa. Mas ele é limitado também num outro sentido. A Biologia é uma ciência experimental. Isso significa que ela quer ver no próprio mundo aquilo que seu objeto, a vida, “é”. Mas onde e como ela deve procurar? Aqui é que se esconde todo o mistério. Quem investiga uma estrutura celular sabe dela, ao menos, que para observá-la é mais adequado usar um microscópio do que um telescópio. Esse exemplo parece ridículo, já que o que ele ilustra é, para todos, evidente. Entretanto, ele serve para mostrar que a experimentação, a grande conquista da ciência moderna,

nunca é algo espontâneo. Muito pelo contrário, é sempre fruto de um planejamento mais ou menos rigoroso.

Isso não significa que a experimentação seja, por assim dizer, “um jogo de cartas marcadas”. Na verdade, muita coisa é efetivamente imprevisível numa experiência, e é justamente aí que se encontra sua produtividade. É por isso que ao Biólogo não basta meditar sobre como a realidade se comporta. É necessário ir à própria realidade, pois nesse processo é sempre possível encontrar algo novo. Isso é o que está por trás, em grande medida, do sucesso das ciências experimentais.

Em todo caso, o que se torna necessário reconhecer é que nas ciências como a Biologia há uma base pré-conceitual que, ao definir antecipadamente o objeto de estudo, serve de ponto de partida para a elaboração do método de investigação. Quer dizer, ao investigar esse fenômeno chamado vida, o biólogo precisa efetivamente contar com uma série de informações sobre ele. Quanto mais informações possuir, mas engenhosa e, por isso mesmo, mais produtiva será sua experiência.

Isso quer dizer que o biólogo se encontra, no fundo, imerso num grande paradoxo. Por um lado, não sabe o que é vida, pois se soubesse não faria sentido investigá-la. Por outro, precisa assumir certas noções sobre seu objeto, mesmo que não tenha certeza sobre elas, como pontos de partida indispensáveis à sua atividade. Esses pontos de partida não podem ser questionados, pois então a pesquisa ficaria comprometida. É preciso simplesmente admiti-los, sem que isso incorra necessariamente na afirmação dogmática de sua validade absoluta, é claro. A esse conhecimento inicial, anterior à própria pesquisa e por isso mesmo não justificado por ela, pode-se dar o nome de hipótese.

Muitos pesquisadores irão dizer que isso não é problemático, afinal de contas o processo de experimentação é justamente o momento em que as hipóteses serão testadas. Assim, a princípio toda hipótese incorreta poderá ser refutada na sua contraposição ao que ocorre na realidade propriamente dita, restando apenas aquelas que não se encontram em desacordo com a realidade, podendo por isso serem elevadas ao grau de teorias científicas relativamente fundamentadas.

O problema surge quando se pensa que as hipóteses, especialmente

as mais gerais, não estão diretamente em contato com a realidade. É preciso transformar conceitos gerais em termos que digam respeito à realidade particular enquanto tal. Além disso, os métodos segundo os quais se realizam as experiências em que as hipóteses são testadas são decorrentes, como se disse, das próprias hipóteses. Isso significa, em muitos casos, que a experimentação estará, por assim dizer, viciada, sendo a ela impossível refutar a hipótese justamente por ser um procedimento decorrente dela.

O que esses problemas revelam é que as ciências experimentais, como a Biologia, dependem de certos pontos de partida e, por isso mesmo, estão confinadas aos limites desses pressupostos. O fato é que só se pode ir ao campo experimental sabendo o que se procura. Então, o limite é um elemento absolutamente fundamental, sem o qual a atividade de pesquisa não se realiza. Na Biologia, esse limite se revela, com se disse, na recusa da realidade em sua totalidade como objeto de pesquisa (assume-se apenas a vida) e na aceitação de conhecimentos prévios mais ou menos determinados, as hipóteses, a partir das quais são providenciados os métodos de pesquisa.

Além desses dois limites, a Biologia, assim como as outras ciências experimentais, apresentam ainda um terceiro. Ela não pode justificar sua própria existência enquanto atividade humana. Quer dizer, ela não pode afirmar que fazer Biologia é importante e nem mesmo que seus resultados devem ser aceitos como referências para a conduta humana. Isso fica evidente pelo fato de sua atividade ser a simples tentativa de descrever completamente o que é vida. Ora, o conhecimento de que, por exemplo, todo ser humano necessita de água para viver, não obriga ninguém a bebê-la. Para isso, é necessário que o sujeito esteja convencido, ou aceite de alguma forma (talvez tacitamente), que sua vida é importante e deve ser preservada. Nenhuma ciência pode justificar esse tipo de noção. Aqui se entra no campo dos valores humanos, nas noções a respeito do sentido da vida, da importância e dos limites da liberdade, etc. A esse campo pode-se dar o nome de ética.

É importante salientar que a ciência, enquanto atividade realizada em sociedade, acaba assumindo o lugar de mais um elemento do campo

da ética. Em primeiro lugar, a decisão de investigar depende de pressupostos éticos. A própria verdade que o cientista busca está vinculada à ética, pois, a final de contas, ele precisa tomar a decisão de preferir aquilo que ele considera verdadeiro àquilo que é falso embora satisfaça algum outro critério de escolha (interesse econômico, por exemplo). Além disso, o desenvolvimento de uma pesquisa é, em alguma medida, a resposta a um interesse que surge no interior da sociedade, o qual está vinculado a um certo modo de ver o ser humano, a felicidade, o bem, etc.; e também acaba tendo de respeitar os limites que essa mesma sociedade lhe impõe (não pôr em risco a vida humana, por exemplo). Em segundo lugar, as descobertas da ciência têm implicações éticas. Na Idade média, se alguém parasse de respirar, não haveria problemas em considerá-lo morto e enterrá-lo<sup>8</sup>. Hoje, se um médico fizer isso, deixando de lado toda a gama de recursos disponíveis para o caso, incorrerá evidentemente num grave erro, do ponto de vista ético.

Assim, pelo que se mostrou aqui, a Biologia, na medida que assume como sua tarefa estudar (*logos*) a vida (*bios*), acaba limitando-se, a) porque deixa de lado, do ponto de vista teórico, outros aspectos da realidade, b) porque assume certas noções sobre seu objeto (hipóteses) que têm consequências metodológicas importantes e c) porque não pode, a partir de seu ponto de vista específico, tomar como objeto de sua investigação os demais âmbitos da vivência humana, dentre os quais, como se disse, estão aqueles que dizem respeito ao campo da ética.

A Filosofia, por sua vez, não tem vínculo experimental com a realidade. Isso porque ela não tem um objeto definido a observar. Somente pressupondo um objeto mais ou menos caracterizado é que se pode ir à realidade para desenvolver testes ou experiências. Assim, a ausência do experimental em Filosofia está diretamente ligada ao fato de ela não tomar um recorte específico da realidade como seu objeto de estudo.

Isso é importante aqui, pois é justamente a ausência de uma realidade claramente delimitada como base de estudo o que mais dificulta a definição do conceito de Filosofia. Enquanto no caso do biólogo se determina com

---

<sup>8</sup> Cf.: ARIES, 1989.

alguma clareza o que ele faz ao saber que sua disciplina se dedica ao estudo da vida, tem-se a impressão de que o filósofo não sabe o que está investigando, justamente por não se apresentar, em sua disciplina, a determinação adequada do seu objeto de estudo.

O fato é que essa situação da Filosofia não é acidental e muito menos pode ser solucionada. E isso tem um motivo muito sólido, conforme se tentará apresentar a seguir: embora traga desvantagens, no caso a indeterminação e a complexidade de seu conceito, a Filosofia, pelo fato de não se limitar ao estudo de uma parcela precisa da realidade, permite-se a tarefa de tematizar os problemas que restam e, mesmo, que emanam do desenvolvimento das ciências experimentais, decorrentes, como mostrou-se, justamente do caráter limitado dessas atividades, naqueles sentidos já apresentados. É à Filosofia que cabe a tarefa de ir além dos limites que, por exemplo, a Biologia impõe a si mesma, abordando a) como o objeto dessa disciplina se insere na realidade como um todo, b) quais os preconceitos (pressupostos, hipóteses ou métodos) aos quais esta ciência está condicionada e c) de que modo ela se insere na totalidade da ação humana em sociedade e em contato com a natureza.

Alguém poderia objetar que na verdade o próprio biólogo já faz ou ao menos deveria fazer isso. Não há nenhum problema em admitir isso. Entretanto, quando faz isso, não está fazendo Biologia em sentido estrito. De alguma maneira, mais ou menos profunda, penetra já no terreno da Filosofia. Na verdade, a Biologia, assim como toda ciência, está permeada de Filosofia. Isso fica evidente, por exemplo, quando se discute, em Bioética, a questão do aborto. O problema fundamental aí é definir um conceito que deveria ser o mais evidente para o Biólogo – o de vida. Quando começa a vida? Na fecundação? Num certo estágio de desenvolvimento do embrião ou do feto? No nascimento? Essa situação revela o fato de os conceitos fundamentais da Biologia, a partir dos quais seu caráter experimental se torna possível, serem elaborados, em alguns de seus aspectos mais importantes, no campo da Filosofia. Da mesma forma, quando se elabora um projeto de pesquisa em Biologia, tem-se que apresentar os objetivos, as justificativas, as hipóteses, etc. Esses elementos não têm por base a pesquisa experimental propriamente dita, mas elementos



que nortearão a pesquisa, que são filosóficos. Assim, ciências como a Biologia, se consideradas enquanto atividades humanas, devem revelar seu vínculo com a Filosofia. Ou seja, mesmo sendo a Biologia uma ciência experimental, há algo nela de filosófico; e, mas do que isso, é justamente esse elemento filosófico que é condição de possibilidade de seu caráter experimental. Em outras palavras, só quando a Biologia toma como mais ou menos resolvidas certas questões filosóficas (por exemplo, o que é vida?) pode empenhar-se à atividade que lhe é própria. Essa aceitação é relativamente provisória, mas necessária.

Com tudo isso, tem-se condições de compreender melhor o que é a Filosofia e, também, por que a dificuldade em defini-la acaba colaborando para essa mesma definição. Observem-se as relações que o Biólogo e o Filósofo estabelecem com seus respectivos objetos.

Ora, o biólogo tem à sua frente um fenômeno mais ou menos determinado. Sua tarefa é descrevê-lo e caracterizá-lo nos seus diversos aspectos, utilizando para isso os mais variados métodos.

O filósofo, por outro lado, não tem à sua frente um objeto chamado sabedoria. A sabedoria não é para ele algo a ser descrito, mas antes um horizonte do qual ele procura aproximar-se. Ela funciona para ele como uma espécie de lembrete, levando-o a questionar-se constantemente sobre a validade, a abrangência e a profundidade de seu saber. Tendo ela por horizonte, o filósofo só pode satisfazer-se quando encontrar um saber que seja o mais completo, o mais bem fundamentado e o eticamente mais bem situado.

É justamente nessa diferença que a dificuldade em se explicar o conceito de Filosofia ganha razão de ser. Enquanto nas ciências particulares o objeto de estudo é explícito, na Filosofia ele não pode estar de modo algum pressuposto. O filósofo busca o saber pleno e fundamental, aquilo que, de alguma forma, é a explicação a partir da qual toda a realidade, em todos os seus aspectos, pode ser compreendida. Logo, ele não pode restringir seu trabalho à descrição de uma realidade qualquer, pois nesse caso a pergunta sobre a) a universalidade, b) a validade e a c) correção ética dessa explicação não poderia sequer ser formulada. Sem essa delimitação do objeto de pesquisa, assim, resta ao filósofo um alto grau

de indeterminação a respeito de sua própria atividade.

Vejamos mais de perto porque o filósofo não pode definir completamente sua disciplina, como ocorre nas outras áreas. Como se disse, a definição de uma área de estudo depende da apresentação do objeto sobre o qual ela se debruça. Mais interessante ainda é perceber que essa apresentação deve ser prévia. O biólogo aprende a que objeto deve dedicar-se ainda nas suas lições introdutórias. Isso significa que a disciplina de Biologia foi fundada a partir de conhecimentos que não foram elaborados por ciência alguma, ou seja, de conhecimentos vindos do senso-comum. Quando alguém observou que certos seres são capazes de crescer, reproduzir-se e, num certo estágio, morrem, resolveu chamar esse fenômeno de vida. A Biologia só surge, então, quando esse homem decide estudar (*logos*) um fenômeno já constatado, a vida (*bios*). Assim, na base da Biologia estão conceitos elaborados espontaneamente pelo senso-comum.

Para o biólogo, essa situação não é problemática, pois o fenômeno chamado de vida deverá ser mais bem explicitado no interior do desenvolvimento da própria ciência, em que os erros iniciais deverão ser corrigidos. O filósofo, entretanto, embora ele mesmo parta de conceitos cuja validade não foi atestada, não pode assumir esse tipo de conceito como horizonte da investigação, pois isso aprisionaria a compreensão a concepções cuja realidade não foi suficientemente questionada. Em outras palavras, o filósofo não pode assumir qualquer fenômeno, coisa ou idéia como seu objeto de estudo, para nisso não reduzir sua atividade ao âmbito do que determina os preconceitos de que ele partiu. O ponto de partida, em Filosofia, é sempre provisório, questionável, e é justamente isso que impede sua definição precisa, ao mesmo tempo que lhe concede todo o seu poder crítico.

Uma outra situação hipotética poderia ser apresentada para sublinhar a diferença entre a Filosofia e as ciências particulares, como a Biologia. Digamos que o biólogo e o filósofo resolvam estudar o ser humano. Como seria o trabalho de cada um deles?

O biólogo só pode considerar o ser humano enquanto organismo, nos seus diversos aspectos. Assim, ele deverá analisar o funcionamento e

a constituição de todos os elementos que o compõem, em todos os níveis possíveis (químico, citológico, histológico, etc.). O biólogo, assim, considera o ser humano apenas sob um ponto de vista (apenas enquanto um organismo vivo) e ainda o esfacela numa porção de aspectos (celular, fisiológico, etc.). Isso, a princípio, também não é um defeito para a Biologia. A divisão do ser humano em aspectos é um resultado da especialização, que sem dúvida foi importante para o desenvolvimento da ciência moderna. Além disso, o Biólogo também pode integrar todas as descobertas, de seu campo de pesquisa, sobre o ser humano num conceito único, tematizando inclusive seu vínculo com o meio ambiente.

Entretanto, o que o biólogo consegue é dizer, no máximo, o que é o ser humano do ponto de vista biológico. Assim, ainda resta a pergunta: o que é o ser humano mesmo? Há vários outros aspectos que não podem ser tematizados pelo biólogo. Entram em campo, então, as outras ciências, como a sociologia, a psicologia, a história, a economia, etc. Todas as ciências, no fundo, dizem, a seu modo, algo sobre o ser humano. Mas, na verdade, nenhuma delas diz o que “é” o ser humano enquanto tal. Esse tipo de pergunta, por sua universalidade, só pode ser respondido pela Filosofia.

Por fim, ainda sobre esse exemplo, também não cabe às ciências, embora isso não signifique, evidentemente, que não caiba aos cientistas, avaliar suas descobertas sob o prisma da ética. É impossível estabelecer qualquer norma ética a partir dos resultados da ciência. O que esses dados oferecem são qualificações a respeito das ações, de seus efeitos previsíveis, dos meios que utilizam, etc. Entretanto, não podem dizer se as ações são corretas ou não, já que isso depende da eleição de certos critérios que não dependem da realidade existente, mas apenas da realidade que se quer que exista.

Além disso, há um outro elemento no conceito de Filosofia que é ainda mais interessante nesse ponto. Embora a elaboração de normas éticas seja uma atividade específica, ela não deixa de ser teórica. Quer dizer, é só racionalmente que se pode decidir, em sociedade, o que é bom e o que é mau, o que se deve e o que não se deve fazer. Entretanto, o simples conhecimento do que se deve fazer não implica que se vai agir de

acordo com esse dever. Talvez seja por isso que no termo Filosofia aparece a idéia de amor (*philia*). Como se disse, trata-se de um desejo fundamental, de uma busca, de um comprometimento com a sabedoria (*sophia*). Por isso é que, do ponto de vista do filósofo, ser sábio implica necessariamente em agir de acordo com esse conhecimento. Em especial, significa comprometer-se com o bem, cuja definição completa precisa ser racionalmente determinada.

O caráter da preocupação do filósofo define também seu método, sua diferença com aquele das ciências particulares. Enquanto estas são experimentais, desenvolvendo testes baseados em certas hipóteses, a Filosofia questiona constantemente todo e qualquer saber, verificando a) seu lugar na universalidade, b) sua validade e c) suas implicações éticas. Assim, em contraposição ao método experimental das ciências particulares, o método da Filosofia é a reflexão.

Observe-se que reflexão, nesse contexto, não pode ser confundida com o mero pensar. Pode-se dizer que reflexão é uma forma de pensar. Quando se faz um cálculo matemático, aplica-se um certo conjunto de regras a uma situação definida. Não há reflexão em sentido estrito. Haveria se a própria regra tivesse de ser criada naquele momento. Isso fica evidente pelo próprio fato de os cálculos matemáticos poderem ser realizados por máquinas, como os computadores. Assim, o que há de mais fundamental na matemática é o que há de filosófico nela, que ocorre quando os matemáticos têm de criar ou revisar regras. Esse processo em que se repensam as próprias bases sobre as quais se está pensando é o que aqui se considera reflexão, enquanto ao pensar permite-se qualquer outra aceção mais vaga, talvez vinculada à noção geral de atividade mental.

O ser humano não é um autômato, e o que o tira dessa condição é justamente a reflexão. Por ela é que ele repensa seu mundo e o re-elabora. A Filosofia, assim, nada mais é do que o momento em que a reflexão atinge seu desenvolvimento mais radical. Entretanto, em toda atividade humana, de maneira mais ou menos ampla, a reflexão se faz presente como uma condição indispensável.

Nesse ponto, é ilustrativo lembrar que os grandes ramos da pesquisa científica desenvolveram-se como desdobramentos do corpo teórico

formado pela Filosofia clássica. A Física, por exemplo, era chamada de Filosofia natural. Deste ramo também surgiram a Biologia, a Química e as demais ciências naturais. Poder-se-ia dizer o mesmo do Direito, da Literatura e, enfim, mesmo que às vezes de maneira bastante indireta, de todas as disciplinas científicas.

O que ocorre é que, ao longo da história do pensamento ocidental, as ciências particulares foram se sedimentando a partir da identificação de seus objetos específicos, que foi realizada não pela própria ciência, visto que é sua condição, mas pela Filosofia ou por qualquer outra disciplina que tenha assumido um papel reflexivo fundamentador. Como se disse, a Biologia só pôde surgir quando a vida foi considerada um fenômeno digno de estudos. Depois de ter um objeto específico para estudar, o biólogo desenvolve os mais variados métodos para descrevê-lo completamente. Seu trabalho, assim, orienta-se pela idéia que tem de seu objeto.

A Filosofia, por outro lado, encarna essa situação, que se confunde com a própria essência do homem: aquela em que o cosmos aparece como uma incógnita, como uma pergunta aberta a todos os sentidos. Isso lança uma luz sobre o que está por trás da dificuldade em se definir Filosofia e, mais ainda, em que essa situação é definidora da atividade filosófica. Como se mostrou, a definição adequada de uma disciplina deve apresentar a especificidade de sua atividade e o objeto sobre o qual ela se aplica. Assim, por trás da pergunta “o que é Filosofia?”, está a pretensão de encontrar especialmente seu objeto de estudo. Entretanto, se ele estivesse imediatamente disponível, a Filosofia tornar-se-ia uma ciência, devendo inclusive assumir o método desta. É justamente pelo fato de a Filosofia ser uma atividade estritamente reflexiva que seu objeto não pode ser fornecido de uma vez por todas, como ocorre nas ciências, pois a reflexão só é possível se aquilo que é fixado como objetividade puder ser revisto, repensado. Quem elaborou um conceito de Filosofia não partiu da simples constatação de uma realidade dada. Na definição que elaborou, deve estar presente o objeto que, conforme essa definição, a Filosofia estuda. Ora, esse objeto não foi encontrado, mas desenvolvido reflexivamente. É justamente por isto que a compreensão desse conceito, via de regra, se torna difícil: é que quem o ouve não tem em mente o desenvolvimento

reflexivo do qual ele é apenas a culminação. Da mesma forma, devido ao fato de o objeto da Filosofia ser uma construção sua, abre-se espaço à diversidade de definições. Se o objeto fosse algo dado, existente diante dos olhos do observador, não haveria ambigüidade quanto à sua definição. Entretanto, como esse não é o caso da Filosofia, resta à genialidade humana construí-lo, a partir da multiplicidade das experiências possíveis.

## CONCLUSÃO

O objetivo deste artigo foi esclarecer o significado do conceito de Filosofia. Partiu-se da observação de que todas as tentativas esbarram numa dificuldade essencial: a complexidade e a indeterminação desse conceito. Aquela decorre do fato de que o conceito de Filosofia é sempre elaborado no interior de uma corrente filosófica, cuja linguagem distancia-se em muito da que é utilizada no senso-comum e mesmo na ciência, dificultando uma compreensão imediata. Esta, por sua vez, nada mais é do que a polissemia do conceito de Filosofia, resultante da imensa variedade de concepções filosóficas. Estas duas idéias têm como pano de fundo a constatação de que não há um conceito de Filosofia disponível anteriormente a todo trabalho propriamente filosófico. Só no interior deste é que se pode ter acesso ao seu significado.

Em seguida, buscou-se expor, na verdade, as razões para este fato. Para isso, utilizou-se o método comparativo. Comparou-se o conceito de Filosofia com o de Biologia, tentando mostrar o que naquele dificulta sua explicitação. Na verdade, esse método guiou-se pela hipótese de que a dificuldade em se definir a Filosofia revela algo de essencial sobre sua natureza, a reflexão, que é seu princípio metodológico fundamental.

Para fazer isso, mostrou-se que, para se definir um campo de investigação, é preciso apresentar a especificidade da atividade e, especialmente, o objeto sobre o qual ela se aplica.

Pensando o conceito de Filosofia sob essa diretriz, verificou-se porque ele não é de fácil definição. O fato é que nele tanto a atividade, quanto o objeto assumem caracteres específicos, que destoam daqueles

encontrados nas ciências particulares. Do lado da atividade, basta dizer que não está prevista aí uma posse simplesmente intelectual do objeto. Mas é especialmente em relação a este último que a Filosofia mostra sua natureza própria. O objeto da Filosofia é a sabedoria. Entretanto, esta difere em muito daquilo que é objeto nas ciências particulares. Sabedoria é, antes de tudo, um tipo de saber e não um objeto específico. Ela está para o filósofo não como um elemento a ser descrito, mas como um horizonte a ser alcançado.

Em seguida, tentou-se mostrar que também nas ciências particulares os objetos não são elementos dados. Isso fica evidente pelo fato de a gênese deles ser anterior a e condição para a estruturação daquelas. Por isso, muito mais do que realidades a serem descritas, os objetos funcionam também como horizontes, na forma de pressupostos norteadores, hipóteses e métodos.

Isso levou a repensar a diferença entre Filosofia e ciência. Enquanto nestas os horizontes são delimitados, naquela tem-se muito mais uma situação de abertura e de indeterminação. O fato de o biólogo saber que seu objeto de estudos é a vida lhe dá segurança e rigor, mas também o limita. O filósofo, por ter como alvo a sabedoria, não pode restringir seu campo de pesquisa a nenhum conceito prévio. Ele até parte do que a ciência e até mesmo o senso-comum lhe fornecem, mas não aceita esse ponto de partida como absoluto. Seu trabalho é verificar a) a universalidade, b) a validade e c) a condição ética dos conhecimentos disponíveis. Ele pensa o já pensado. Nesse sentido, seu método é reflexivo.

Como se pode ver, não é possível explicar o que é Filosofia do mesmo modo como se faz com a Biologia, por exemplo. O fato é que, se para definir a Filosofia é preciso determinar seu objeto e se de acordo com o conceito de sabedoria não se pode aceitar limites sem questioná-los sobre a) o lugar deles na universalidade, b) sua validade e c) sua dimensão ética, então o próprio objeto precisa ser construído no processo de definição. Assim, toda definição de Filosofia é interna ao próprio filosofar, agregando a si, como conseqüências inevitáveis, a complexidade e a indeterminação já aludidas.

Isso não torna a Filosofia nem um pouco menos valiosa para o ser humano. O fato é que, se uma explicação que driblasse essas dificuldades

fosse dada, o resultado seria acabar com o que é próprio do filosofar, a reflexão, que supõe um horizonte totalmente aberto à curiosidade humana. Assim, a própria pergunta “o que é Filosofia?” é a pergunta mais essencial à Filosofia, pois, em última instância, questiona a natureza própria da sabedoria. Mas, por outro lado, essa questão é a pior de todas, pois se fosse respondida, como aliás tentou-se aqui, acabaria com a própria Filosofia.

A quem acompanhou o texto até aqui e a quem quer fazer o exercício de ser fiel a ele, abre-se agora a tarefa da reflexão. Se descobrir que ele não acertou seu alvo, terá já entrado no terreno da Filosofia e poderá pensar melhor sobre o que é mesmo defini-la.

### **Referências bibliográficas**

ARIES, Philippe. *Sobre a história da morte no Ocidente desde a Idade Média*. Tradução de Pedro Jordão. 2 ed. Lisboa: Teorema, 1989.

CHAUÍ, Marilena de Souza. *Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles*. São Paulo: Brasiliense, 1994. v 1.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1999.

HEIDEGGER, Martin. *Conferências e escritos filosóficos*. Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Abril cultural, 1979. (Os pensadores).

LOSEE, John. *Introdução histórica à filosofia da ciência*. Tradução de Borisas Cimblaris. Belo Horizonte: Itatiaia, 1979.

MARGULIS, Lynn. *O que é vida?* Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

PLATÃO. *O simpósio ou O do amor*. Tradução de Pinharanda Gomes. Lisboa: Guimarães, 1986.

REALE, Giovanni. *História da filosofia antiga*. Tradução de Henrique C. de Lima Vaz e Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 1993.

**Recebido em maio de 2004**  
**Aprovado em junho de 2004**